



Milton Ribeiro, o Cabeça Branca, espécie de Antônio das Mortes

Fim de festa: os prêmios e a emoção de Avaeté



O Festival chega a seu último dia. Nos bastidores, comenta-se que os prêmios principais serão divididos entre A Hora da Estrela, da paulista Suzana Amaral, e Tigipió, do brasiliense Pedro Jorge de Castro. A premiação dos curtas não deverá ser tão polarizada. Há a emoção de Frel Tito, filme-poema de Marlene França, que arrancou palmas demoradas. Há o cerebralismo experimental de Arthur Omar e seu intrigante O Som Ou Tratado de Harmonia. Há o belo e estranho, à primeira vista, Os Sapatos, de Miguel Borges. Há outros interessantes trabalhos: O Que Move, de Nilson Villas Boas; o bem-humorado Madame Cartô, de Nelson Naddotti; o intrigante Nilfrapo, de Ricardo Bravo; o clássico e correto Parahyba, de Machado Bitencourt, o gauberiano Porta de Fogo, de Edgard Navarro. Um festival de bons curtas, constataram muitos espectadores.

E tem mais: hoje poderemos viver aventura cinematográfica composta de quatro momentos especiais do cinema brasileiro. As duas da tarde, a pedida é ver Bahia de Todos os Santos, de Trigueirinho Neto, recém-recuperado pela Cinemateca Brasileira. O filme está fazendo 25 anos. Quando foi lançado, em 1960, ganhou calorosos elogios de Glauber Rocha. Recentemente, em Salvador, na Jornada de Cinema, nos encantamos com este longa-metragem, que traz momentos muito emocionantes. As quatro horas, a pedida é ver a melhor e mais poética das realizações de Cacá Diegues. A Grande Cidade. Ancy Rocha, Leonardo Villar e Antônio Pitanga estão à frente do elenco. Um filme que a gente vê, revê. E quer ver de novo.

Quem não assistiu, ontem, ao longa A Hora da Estrela, deve

fazê-lo, hoje, às seis da tarde. O filme se faz acompanhar de dois curtas: Guerreiro das Alagoas, de Elyseu "Monstro do Babaloo" Visconti; e de A Última Canção do Beco, de Carlos Ve-

lho. A noite, na sessão nobre, será exibido o vencedor do Rio-Cine Festival, segundo julgamento do júri popular: Avaeté, de Zélio Vianna. O filme conquistou,

também, Medalha de Prata no último Festival Internacional de Moscou. E vai a Cuba, para o Festival de Havana, em dezembro próximo (de dois a 17). Juntamente com Tigipió, de Pedro

Pouca ação na discussão da estética

Os cineastas Geraldo Veloso, Denoy de Oliveira, Walter Lima Jr. e Geraldo Moraes encerraram, ontem, o seminário Perspectivas Estéticas do Cinema Brasileiro, promovido pela UnB.

Foi um encerramento sem a polêmica dos primeiros dias. Geraldo Veloso, que teve a incumbência de radiografar o pólo mineiro, que ora tenta romper com a centralização da produção cinematográfica do eixo Rio-São Paulo, tratou o tema com riqueza de detalhes. Por ter falado muito, acabou encurtando a história, no exato momento em que chegou aos anos 80. Denoy de Oliveira, que deveria radiografar o cinema paulista atual, preferiu ler belo e emocionado texto, de grande força poética e praticamente nenhuma informação palpável, sobre a indústria cinematográfica paulista, composta pelo cinema comercial da Boca do Lixo, o circuito "dos Jardins" (Walter Hugo Khouri, Hector Babenco) e a turma da Vila Madalena (a maioria oriunda da Escola de Comunicação e Arte da USP), que se agrupa em produtoras como a Tatu, a Barca etc. Teria, caso tivesse optado por descrição minuciosa, como a de Geraldo Veloso, que falar em nomes que desenvolvem trabalho contínuo e especial como Roberto Santos, João Batista de Andrade, e ele próprio, Denoy de Oliveira.

Walter Lima Jr., por sua vez, evocou idéias de Jean-Luc Godard e analisou as condições de produção nos tempos do Cinema Novo. Recorreu então, a uma imagem especial. Quando filmava Menino de Engenho, no Nordeste, recebeu uma notícia: "A comida acabou e não temos nenhum tostão". Ali, distante da cidade, sentiu-se perdido. Saiu caminhando sem nada dizer a ninguém. Pensou em ir ao governador, colocar a situação da equipe, e pedir ajuda. Foi, então, que ouviu gritar seu nome. Olhou para trás e viu a equipe correndo, abalada, atrás dele. Era assim que se fazia cinema, no Brasil, nos tempos do Cinema Novo. Depois, acrescentou Walter, por pressões político-históricas, a situação mudou. Os filmes, em muitos casos, perderam aquele estado de graça, aquele ânimo, aquela vontade, empregados nas produções dos anos 60. O cinema se comprometeu, ficou autocomplacente. O mesmo aconteceu com a crítica, com o meio cinematográfico e até com o público.

Por duas vezes, Walter lembrou Godard. Primeiro em seus estudos sobre a origem do cinema, quando Lumière colocou a câmera diante do trem e Mellès postou-a frente a um mágico prestidigitador. O primeiro inventava o cinema documentário. O segundo, a ficção. Revendendo tal fato histórico, Godard constatava que Lumière fazia ficção, pois estava diante do inesperado. O trem podia des-carrilhar. Já a ação do mágico, inventada, irreal, acabava tornando-se o documento de um fato.

Voltou ao cineasta francês para lembrar a Verdadeira História do Cinema, resultado de curso que ministrou no Canadá. Neste livro, Godard dedicava atenção especial a Rossellini, lembrando que este fizera filmes maravilhosos e filmes abomináveis. Por isso, era um cineasta extraordinário. O mesmo podemos dizer de Glauber, comentou Walter. Ele fez filmes maravilhosos e fez filmes abomináveis.

De forma fragmentada, impressionista e solta, Walter Lima Jr., um dos mais festejados

MILLA PETRILLO



O seminário Perspectivas Estéticas do Cinema Brasileiro terminou ontem sem polêmicas

diretores do país falou, demoradamente, sobre tudo que lhe veio à cabeça: a necessidade de um novo Código de Telerradio-difusão; das chanchadas, que eram pastiches dos filmes musicais de Hollywood; da Vera Cruz, que imitava o cinema de grande produção americana; de Arnold Suksdorf, o cineasta sueco que trouxe o cinema direto para o Brasil; de conversas com Humberto Mauro.

Passou pelo cinema gaúcho atual e chegou à TV Globo. "Não há cinema que consiga ser forte, tendo que concorrer com a TV Globo. Se os cineastas americanos tivessem uma TV Globo a concorrer com eles, a cada noite, mostrando Roque Santeiro, queria ver se tinham uma cinematografia forte. Quem é o ministro da Cultura no Brasil? Ele mesmo perguntou e respondeu: é o Roberto Marinho, ou alguém tem dúvida disso?"

ENTRE MONTANHAS

Geraldo Veloso falou do cine-

ma mineiro, um cinema feito por autores com saudades do mar (o mar em Minas é apenas nome de uma cidade: Mar de Espanha) e cercados de montanhas por todos os lados. Falou dos pioneiros, em especial de Humberto Mauro, hoje reconhecido como o pai do cinema nacional. Pulou para os anos 50, quando Minas editou duas revistas importantes: a Revista do Cinema, que reuniu intelectuais e cineclubistas do CEC (Centro de Estudos Cinematográficos) e a Revista de Cultura Cinematográfica, ligada aos intelectuais católicos.

E Veloso comentou: Enquanto os paraibanos (Aruanda como ponto de partida); os baianos (Glauber, Roberto Pires, Luiz Paulino) e Néelson Pereira dos Santos (Rio 40 Graus, Rio Zona Norte) e Roberto Santos (O Grande Momento) gravavam o Cinema Novo, realizando filmes, nós, em Minas, buscávamos o "específico filmico". Algo que, por brincadeira, costumamos chamar de cinemema, ou seja, a unidade numérica do filme.

mo chamar de cinemema, ou seja, a unidade numérica do filme.

A partir de 1965, um grupo de autores mineiros, depois de fazer curso sobre cinema direto com o sueco Arnold Suksdorf vai à luta: José Haroldo Pereira, Flávio Márcio, Guaraci Rodrigues, Schubert Magalhães, Oswaldo Caldeira. Outra experiência fundamental: as filmagens em Minas de dois importantes títulos cinemanovistas: A Hora e Vez de Augusto Matraga, de Roberto Santos, e O Padre e a Moça, de Joaquim Pedro de Andrade. Maurício Gomes Leite homenageia Otto Maria Carpeux com O Velho e o Novo, um curta. Depois realiza o longa Vida Provisória, tentativa de aproximação com o cinema de Alain Resnais. José Haroldo Pereira, apaixonado pelo cineasta francês, assiste a Hiroshima Mon Amour, durante uma semana inteira, por várias sessões seguidas.

Em 1969, Carteira de Produção Cinematográfica dá novo

A distribuição e seus problemas

A distribuidora da Embrafilme está paralisada há alguns meses e deverá continuar assim, até que a Empresa encontre um substituto para Jorge Correia, da Superintendência de Comercialização, que está demissionário e entrega o cargo neste começo de mês.

A esta denúncia, Jarbas Barbosa, 56 anos, produtor de vários títulos do cinema e de Xica da Silva, acrescentou: "A distribuidora da Embrafilme não consegue comercializar bem os filmes, porque tem sobrecarga de trabalho. Frente a tal quadro, seu diretor tudo faz para não ter novos problemas: entrega para Luiz Severiano Ribeiro os filmes que têm maior verba publicitária e não dá tratamento individualizado aos filmes que fogem do esquema".

O produtor apontou, então, o que considera a solução do problema: "A distribuidora deve dar metade dos 20% que lhe cabem a um distribuidor-delegado, para que este bata-lhe, com todos os meios possíveis e imaginários, a colocação do filme no mercado brasileiro, seja no Norte, no Nordeste, no interior. Onde for".

As declarações de Jarbas Barbosa foram feitas em tumultuado encontro do XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que discutiu o

tripé cinematográfico: produção, distribuição e exibição. Na mesa, coordenada por Abdalla Carim Nabut, estavam Roberto Darze, distribuidor carioca, dono de rede de 30 salas, Jaime Tavares, ex-Gaumont, e Jarbas, produtor e distribuidor ativo nos anos 50, 60 e metade dos 70.

Alguns participantes questionaram as idéias de Jarbas Barbosa, lembrando que "ele está fora da produção e distribuição, há dez anos". Mesmo assim, Jarbas não se arrefeceu. Tal como o irmão Chacrinha, colocou suas idéias com alarde e veemência. Ao final do encontro, avisou que saía feliz, pois via que produtores, distribuidores e exibidores entendiam que "a distribuidora da Embrafilme não está cumprindo seu papel e precisa buscar saídas".

Jarbas Barbosa apresentou dados sobre filmes como Quilombo, de Cacá Diegues; e Tensão no Rio, de Gustavo Dahl, que estão no vermelho, junto a muitos outros títulos produzidos e distribuídos pela Embrafilme.

Jaime Tavares, ex-Gaumont, hoje São Paulo-Minas, não fez nenhuma colocação. Ouvia os brados de Jarbas Barbosa, com calma glacial. Roberto Darze lamentou que a distribuidora da Embrafilme privilegie o circuito de Severiano Ribeiro, dando-lhe

os títulos mais importantes e deixando os outros exibidores em segundo plano. Citou o exemplo do filme Inocência, que a Empresa queria colocar numa grande sala, custasse o que custasse. Se isso acontecesse, lembrou, o filme poderia ter fracassado.

Com seu tom fleumático, Jarbas Barbosa retomou exemplos de seus gloriosos tempos de produtor e distribuidor: "Com Ali Babá e os Quarenta Ladrões, dos Trapalhões, fui, em pessoa, fiscalizar cinemas no interior. Já a Embrafilme, para liberar um fiscal, precisa de oito dias, até que corram todos os trâmites burocráticos. Meses atrás, um cartaz emoldurado do filme Erendira, de Rui Guerra, ao ser transportado para Curitiba, onde inauguraria cinema da Fundação Cultural, teve seu fundo quebrado. Pedi que a Embrafilme providenciasse a urgente substituição. A Empresa exigiu tantos ofícios, despachos, etc, que acabou tirando do bolso, para resolver o problema".

João Batista de Andrade lembrou que a crise do cinema brasileiro insere-se em quadro mais amplo, onde a retração de mercado para o filme estrangeiro também se verificou. Tanto é, lembrou, que as distribuidoras internacionais fecharam seus circuitos no interior. (MRC)

Jorge: Patriamada, de Tsuka Yamasaki, e outros, que o diretor do ICAIC (Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica) está escolhendo em sua estada carioca, pós-Festival de Brasília.

Antes que Avaeté invada nossas retinas, o público tomará conhecimento dos filmes que conquistaram o Troféu Candango nas mostras em 16 milímetros, em 35, e no Festivalzinho de Brasília do Cinema Brasileiro.

E levem lenço, pois Avaeté é um filme emocionante. Digo de experiência própria, pois durante o Rio-Cine, fui vê-lo numa sessão das 10 da noite, na Tijuca, longe da badalada da Cineândia. Ao sair, chorando muito, tomei um táxi e o motorista quis saber a razão de tantas lágrimas: "Vi um filme emocionante". E ele: De amor? — Não, de índio! Ficou estupefato.

O público confirmou a força emocionante de Avaeté, elegendo-o como o melhor do Rio-Cine, e deixando em segundo lugar O Rei do Rio, de Fábio Barreto. A história trágica do massacre dos Cinta-Larga, em Mato Grosso, derrotou a glamorosa estória de bicheiros, umbandistas e Romeu e Julieta suburbanos. Depois, o filme estreou em São Paulo e recebeu críticas severas de grandes jornais e revistas. Críticas justas, diga-se de passagem. Afinal, o filme tem sérios problemas de roteiro. As vezes, fica por demais solidário com seu último Avaeté (bom desempenho do índio Makuara Kadivéu) transformando-o quase num bom selvagem rousseauiano. Racionalmente, concordo com quase todas as críticas dirigidas ao filme. Emocionalmente, confesso que vou revê-lo. E que devo chorar de novo. (MRC)

alento ao cíclico cinema mineiro: os irmãos Santos Pereira realizam Estação das Águas; Prates estréia no longa com Crioulo Doido e Schubert Magalhães faz O Homem do Corpo Fechado. Em 1976, nasce o Pólo Mineiro, resultado de convênio entre o Governo de Minas e a Embrafilme. Paulo Leite Soares realiza O Bandido Antônio Dó e Dols Homens para Matar; Paulo Augusto Gomes faz Idolatrada; Schubert Magalhães morre antes de concluir Ela e os Homens. Nasce o Grupo Novo de Cinema, que produz Noites do Sertão, de Prates; Um Filme 100% Brasileiro, de Sette de Barros e A Dança dos Bonocos, de Helvécio Ratton.

Para uma melhor aproximação com o cinema mineiro, Veloso indica dois números do jornal Luz e Ação, editado no início dos anos 80, por Marcos Faria; o livro Introdução ao Cinema Brasileiro, de Alex Vianny e Minas Gerais: Ensaio de Filmografia, de Márcio Galdino.

NACIONAL E POPULAR

Denoy de Oliveira leu seu texto, optando por aguda radiografia dos movimentos sociais neste novo Brasil que está nascendo. Ponto um: Do Regional para o Nacional. Primeira metáfora: "Duas senhoras desfilam de noiva, tropegando sapatos altos, sorrisos crispados de velhos travestis, nas ruas e becos do Cinema Paulista. Uma se exalta num vestido vermelho escarlatim, mostrando as partes, outra — hora de costas, ora de frente — num dossel roxo solferino, manda beijos, piscadelas, bananas... Exibidores e Embrafilme produzem cada uma dessas senhoras. Com a primeira, muitos sonhos já morreram — explicitamente, na imensa por-norréia do aviltamento profissional do humano. A segunda atropelou talentos com odes burocráticos, lobbies e a paranóia dos injustiçados. As duas marcam profundamente a produção dos últimos anos do Cinema Paulista, nos seus dissabores ou grandes vitórias. Mas um projeto alternativo, paralelo, procede e acompanha, às vezes, na contramão, o cortejo das duas senhoras. Sem caciques, ou Congresso de Notáveis, uma nova geração paulista de cineastas, formada no 16 de corda ou no Cinema de Rua, assume contornos de empresários, nos limites de seus talentos e capitais e fazem um filme".

Geraldo Moraes, cineasta e professor da UnB, na condição de organizador do seminário, tentou síntese dos quatro encontros que buscaram radiografar o cinema brasileiro: "Hoje, no discurso dominante e profundo propalado, inclusive, pelos autores dos maiores sucessos dos últimos 15 anos, encontramos sempre estas idéias: a Embrafilme está em fase pré-falimentar, há crise de criação, ausências de perspectivas estéticas e público rarefeito nas poucas salas que nos restam".

A TV é o instrumento de unificação das vontades e dos gostos do País. Em muitos filmes, o público encontra o repertório da TV, a dose indicada de violência e erotismo e busca o padrão internacional de qualidade. O sucesso de Jango seria algo sintomático? E a explosão de focos de produção regional? E hora de assumirmos a diversificação de alternativas? Queiramos ou não, ali está um cinema documentário forte, a produção paulista crescendo em qualidade, e a mulher, não mais como personagem, mas sim como autora de seus próprios filmes. (Marla do Rosário Caetano)